HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca. *Los museos arqueológicos y su museografía*. Gijón: Trea, 2010

Alejandra Saladino*

Em tempos onde os desdobramentos da Arqueologia de Contrato são muitas vezes dramáticos para o cenário museal, e as possibilidades do Turismo Cultural demandam estudos aprofundados sobre seus impactos negativos, a reflexão sobre o tema da musealização do patrimônio arqueológico se faz necessária. No Brasil, é possível identificar o desenvolvimento de estudos acadêmicos, alguns mais abrangentes, e outros mais pontuais, resultantes da reflexão sobre a *praxis* (BRUNO, 2005; MORAES WICHERS, 2010; CAMPOS; GRANATO, 2013; SALADINO, 2010). Especificamente, faltam-nos referências sobre a museografia de museus arqueológicos.

A editora espanhola Trea, que há tempos vem contribuindo para a difusão do conhecimento sobre os museus e a Museologia, brinda-nos com uma publicação de fôlego. Em 2010, foi lançado um novo livro de Francisca Hernández Hernández, intitulado *Los museos arqueológicos y su museografía*. A autora, professora da Universidad Complutense de Madrid, dedica esse estudo à apresentação e reflexão sobre as distintas correntes museográficas, sob as quais foram estruturados os discursos dos museus de arqueologia, em suas diversas manifestações, na Europa.

A obra, estruturada em oito capítulos, permite ao leitor o acesso – de forma clara e didática, baseada em uma perspectiva historiográfica – às distintas museografias, tendo como foco a lógica de exposição de cada uma delas. Vale destacar que Hernández Hernández toma por base a tipologia de R. Montpetit sobre as correntes museográficas, publicada no periódico *Public et Musées*, em 1996. A autora inicia sua obra com a apresentação dessa tipologia, ressaltando a possibilidade e a pertinência de mesclar as distintas correntes, potencializando o processo de comunicação, construído da cadeia operatória museológica.

* Doutora em Ciências Sociais. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Um ponto digno de nota, que encerra o primeiro capítulo, refere-se ao questionamento sobre a existência de uma museografia didática. Hernández Hernández problematiza essa questão, afirmando que todas as exposições utilizam os instrumentos didáticos de que dispõe a museografia. A autora opta por compreender tal processo enquanto uma metodologia didática aplicada às diversas museografias utilizadas nas exposições.

Nos três capítulos subsequentes, a autora estende uma linha do tempo na qual fica evidente a antiga e simbiótica relação entre a prática do colecionismo, o conhecimento arqueológico e os museus. A autora retrocede às coleções renascentistas para compreender as formas de extroversão – e, portanto, de produção de sentidos – dos vestígios do passado. Destaca a importância da atuação das Sociedades Arqueológicas na formação dos museus na Grã-Bretanha, Alemanha e Espanha. Reconhece a vocação universalista dos grandes museus da Europa, materializada em suas coleções arqueológicas.

A partir de alguns casos, como o British Museum, o Louvre e os Museus Estatais de Berlin (como, por exemplo, o Altes Museum e a própria Museumsinsel¹), Hernández Hernández aprofunda sua reflexão sobre os museus arqueológicos e seu papel no processo de transformação de um saber advindo do colecionismo e do antiquariato, para um conhecimento em vias de estruturação, com a delimitação de seu campo de atuação e de interesses, a definição das questões centrais e o desenvolvimento de métodos e instrumentos específicos para a composição de quadros interpretativos. Detém-se então mais cuidadosamente sobre a relação entre a curadoria de objetos musealizados e a estruturação de uma disciplina científica, nomeadamente a Arqueologia. Exemplifica lembrando Christian Jürgensen Thomsen, que enfrentou o desafio de organizar a coleção arqueológica do Museu Nacional de Antiguidades de Copenhague com o desenvolvimento do Sistema das Três Idades. Mais que uma tipologia aplicável como meio de datação de objetos, esse sistema de classificação representa justamente a passagem da Arqueologia de um antiquariato especulativo para um conhecimento, a partir do qual é possível compreender os contextos nos quais foram coletados os objetos arqueológicos em processo de musealização.

¹ Museumsinsel ou ilha de museus, em Berlim.

O tema da museografia começa a ser tratado com maior profundidade quando a autora reflete sobre a renovação museográfica empreendida nos museus arqueológicos a partir do alvorecer do século XX, quando a acumulação de objetos nos espaços expositivos começa a dar lugar a uma criteriosa seleção dos mesmos, em função do discurso a ser transmitido, e quando os debates e os estudos a respeito do comportamento dos visitantes nos museus começam paulatinamente a ganhar espaço e densidade. A partir do contexto dos museus das Comunidades Autônomas da Espanha, Hernández Hernández evidencia a complexidade de aplicar os recursos museográficos disponíveis sobre os museus arqueológicos.

No sexto capítulo, especificamente, a autora apresenta de forma mais sistemática os recursos museográficos e exemplifica sua utilização em algumas correntes museográficas, nomeadamente, a museografia temática e a museografia narrativa.

Sem abandonar a dimensão histórica, nos dois últimos capítulos de sua obra, a autora detém-se a apresentar e analisar – também lançando mão de exemplos – as novas possibilidades museográficas e as distintas manifestações de museus arqueológicos, ressaltando a pertinência de explorar – nas exposições e nas ações educativo-culturais – recursos advindos da Arqueologia Experimental, da Etnoarqueologia e das novas tecnologias. Tal exposição deixa clara a função social dos museus, da Arqueologia e da Museologia, cuja razão de ser justifica-se na contribuição ao desenvolvimento da sociedade por meio de estratégias discursivas e expográficas que provoquem e estimulem os visitantes a refletir sobre sua realidade e, a partir daí, transformá-la.

Hernández Hernández dedica o penúltimo capítulo à aplicação das distintas museografias sobre os museus de sítio. Vale dizer que, sobre este tópico, a mesma Ediciones Trea publicou, em 2012, *Museografía didáctica e interpretación de espacios arqueológicos*, edição coordenada por Francesc Xavier Hernández e María Del Carmen Rojo Ariza. Entretanto, a obra destes membros do Grupo de Pesquisa Didática do Patrimônio, Museografia Compreensiva e Novas Tecnologias da Universidade de Barcelona se concentra nos aspectos formais e na apresentação de conteúdos de sítios arqueológicos musealizados a partir da perspectiva da museografia didática.

Finalmente, no oitavo capítulo, a autora defende a importância de explorar todos os recursos museográficos com vistas a promover não apenas a Arqueologia, mas contribuir para com a complexa cadeia de recepção-identificação-ressonância-valorização-preservação do patrimônio arqueológico por parte do visitante.

Em sua obra, a autora segue por um caminho que leva o leitor a refletir sobre a importância de aprofundar o diálogo e explorar as zonas de interseção entre os conhecimentos arqueológico e museológico. Isto fica evidente quando defende a pertinência do discurso intercultural e a aplicação de uma museografia dialógica e crítica, que contribua para a formação de cidadãos mais conscientes e sensíveis a respeito de seu patrimônio. Por tudo isso, *Los museos arqueológicos y su museografía* é uma leitura incontornável àqueles que buscam conhecer sistematicamente e compreender as possibilidades museográficas aplicadas nas exposições de objetos arqueológicos com vistas a produzir discursos expositivos que contribuam para com a promoção e divulgação da Arqueologia e a valorização e preservação do patrimônio arqueológico.

Referências

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Arqueologia e antropofagia: a musealização dos sítios arqueológicos. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 31, p. 234-247, 2005.

CAMPOS, Guadalupe do Nascimento; GRANATO, M. Musealização in situ das Estruturas Arqueológicas do Convento de Santa Teresa, uma Experiência de Cooperação Interdisciplinar. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 44, p. 107-130, 2013.

HERNÁNDEZ CARDONA, Francesc Xavier; ROJO ARIZA, Maria del Carmen. (Coords.). *Museografía didáctica e interpretación de espacios arqueológicos*. Gijón: Trea, 2012.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca. *Los museos arqueológicos y su museografía*. Gijón: Trea, 2010.

MORAES WICHERS, C. A. A musealização do patrimônio arqueológico na região sudeste: desafios e perspectivas. In: OLIVEIRA, Ana Paula de Paula Loures. (Org.). *Desafios da Arqueologia e do Patrimônio entre o Mercado e a Academia*. 1ed. Juiz de Fora: EDUFJF, 2012. p. 69-96.

MORAES WICHERS, C. A. *Museus e Antropofagia do Patrimônio Arqueológico: (des) caminhos da prática brasileira*. Tese (Doutorado)-Programa de pós-Graduação em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, ULHT. Lisboa, 2011.

SALADINO, Alejandra. Arqueologia patrimonializada e desenvolvimento social: perspectivas no Brasil e em Portugal. *Revista Museologia e Patrimônio*, v. 2, n. 2, p.38-45, 2009.

Submetido em 15.08.2012

Aceito em 08.07.2013